

JANAÍNA MARQUES DE AGUIAR

**Violência institucional em maternidades públicas:
hostilidade ao invés de acolhimento como uma
questão de gênero**

Tese apresentada à Faculdade de Medicina da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Doutor em Ciências.

Área de concentração: Medicina Preventiva

Orientadora: Ana Flávia Pires Lucas
D'Oliveira

São Paulo

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Preparada pela Biblioteca da
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

©reprodução autorizada pelo autor

Aguiar, Janaína Marques de

Violência institucional em maternidades públicas : hostilidade ao invés de acolhimento como uma questão de gênero / Janaína Marques de Aguiar. -- São Paulo, 2010.

Tese(doutorado)--Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Departamento de Medicina Preventiva.

Área de concentração: Medicina Preventiva.

Orientadora: Ana Flávia Pires Lucas D'Oliveira.

Descritores: 1.Violência contra a mulher 2.Maternidades 3.Poder (Psicologia)
4.Medicina

USP/FM/SBD-100/10

DEDICATÓRIA

Ao meu avô, Joaquim Daniel Marques,
por tudo que me ensinou com sua vida
e sua morte. Saudades sempre.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer à Professora Doutora Ana Flávia d'Oliveira, que me orientou neste trabalho e para muito além dele. Seus exemplos, seu apoio e seu afeto sedimentaram minhas referências do que desejo ser como mulher e como profissional; foram fundamentais no meu processo de adaptação aqui e fizeram deste um encontro muito feliz.

Agradeço também às Professoras Doutoradas da minha banca de qualificação, Wilza Villela, Simone Diniz e Lilia Blima Schraiber, pela importante contribuição que deram para a continuidade deste trabalho com seus comentários e sugestões. Em especial à Professora Lilia Blima Schraiber, pela inestimável contribuição durante todo o meu percurso nesta instituição e pela acolhida no grupo.

Aos professores e amigos, André Mota, Wagner Figueiredo e, mais uma vez a Simone Diniz, por todas as interlocuções em inúmeros cafés e almoços na Faculdade.

Àquelas que me indicaram o caminho e me incentivaram a vir tão longe, Karen Giffin e Sônia Dantas Berger, amigas e parceiras queridas.

Aos insubstituíveis Ricardo Góes e Lilian, por toda ajuda que me deram e que, em alguns momentos, me “salvou” de ficar completamente perdida;

Às mulheres que me presentaram com a história de seus partos, dividindo dúvidas, alegrias, angústias e esperanças trazidas por esse momento, e sempre com a acolhedora recepção de um cafezinho;

Aos profissionais entrevistados, pela disponibilização generosa de suas horas de folga ou intervalos no trabalho para compartilhar suas experiências, e por terem acreditado na importância deste trabalho;

Aos profissionais das UBSs onde coletei os dados da pesquisa pela inestimável ajuda e solidariedade com minhas dificuldades. Em especial, aos que depois se tornaram mais do que colaboradores, queridos amigos;

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela bolsa e sua reserva técnica que financiaram este trabalho. Agradeço, sobretudo, à paciência das funcionárias do setor financeiro com minhas incontáveis dúvidas.

Aos meus amigos, pela paciência e compreensão com todas as minhas ausências durante esses três anos. Não poderia citar todos sem correr o risco e sob o receio de esquecer algum, mas aos de longa jornada agradeço em especial aos amigos Marcello e Cid, pelo carinho de tanto tempo e socorro providencial na finalização da minha tese; a Claudinha, Cris e Mônica, irmãs com as quais a vida me presenteou, e que sempre foram fiéis incentivadoras e parceiras em minhas jornadas;

Aos “MRPs”, uma família de amigos que me esperava aqui quando cheguei a esta cidade tão insólita à primeira vista;

Aos amigos que encontrei aqui. Cada um no seu tempo e do seu jeito compartilhou das minhas alegrias, angústias, dúvidas e pretensas certezas. Pelo carinho, paciência e apoio em momentos incertos, agradeço em particular a Júlia, Cláudia e Jô, Sônia Hotimsky, Ana Tereza, Andréia, Bruna, Laila, Tathi, Cristina, Lou, Helô, Felipe, Tiago e Mirian;

A Thiago e Demian, meus dois mais pacientes interlocutores masculinos neste universo de feminilidades em que estive mergulhada;

A Vanja, pelo feliz encontro e acolhida terapêutica que tanto ajudou a não me perder de vista;

E finalmente, àqueles que são sempre os mais importantes na minha história, aos meus pais e à minha irmã, por todo amor e apoio, sempre incondicionais, e por me mostrarem que, mais importante do que saber para onde se vai, é saber de onde se veio e que se tem para onde voltar;

E à minha sobrinha, Rafaella, pelo irresistível convite para olhar a vida com mais simplicidade.

SUMÁRIO

Introdução	1
Cap.I – Violência Institucional: definindo o termo.	14
1.1. Violência institucional como uma questão de gênero.	21
1.2. Violência e poder: algumas considerações teóricas.	24
Cap.II – Autoridade médica, suas práticas e a medicalização do corpo feminino.	33
2.1. Autoridade médica.	33
2.2. A medicalização do corpo feminino	39
Cap.III – Metodologia (Plano de Trabalho):	43
Cap. IV – Apresentação e discussão dos dados	58
4.1 Perfil dos entrevistados	58
4.1.1 Puérperas	58
4.1.2 Profissionais	66
4.2 Cuidado e gênero na visão das puérperas entrevistadas	70
4.2.1 Maternidade: lugar de cuidado – o bom atendimento	72
4.2.2 Maternidade: lugar de maltrato – o mau atendimento	79
4.2.3 A naturalização da dor do parto	89
4.2.4 A escandalosa	91
4.2.5 A solidariedade de gênero	99
4.3 Cuidado e gênero na visão dos profissionais entrevistados	101
4.3.1 O serviço de saúde segundo os profissionais	102

4.3.2 As pacientes na visão dos profissionais: aspectos da relação	108
A “não colaborativa”	113
A escandalosa	114
A ameaça à autoridade	119
4.3.3 O cuidado da dor	124
4.3.4 Estereótipos de classe e gênero na assistência ao parto	133
4.4 O que é violência	137
4.4.1 Para as puérperas entrevistadas	137
As estratégias de resistência à violência institucional	146
4.4.2 Para os profissionais entrevistados	149
Conseqüências da violência institucional	159
4.4.3 Possíveis causas para a violência institucional nas maternidades	162
Possibilidades de prevenção da violência institucional apontadas pelos profissionais	173
4.4.5 Discutindo o conceito de violência institucional	177
Cap. V Considerações Finais	184
Anexo I	187
Anexo II	191
Anexo III	194
Anexo IV	196
Referências Bibliográficas	198

LISTAS de QUADROS

Quadro 1. Perfil sócio-econômico / puérperas	58
Quadro 2. Perfil conjugal e composição familiar / puérperas	61
Quadro 3. Partos anteriores / puérperas	62
Quadro 4. Último parto / puérperas	65
Quadro 5. Perfil social / profissionais	67
Quadro 6. Perfil profissional / profissionais	68

RESUMO

Aguiar JM. *Violência institucional em maternidades públicas: hostilidade ao invés de acolhimento como uma questão de gênero* [tese]. São Paulo: Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo; 2010.

A violência institucional em maternidades é tema de estudo em diversos países. Pesquisas demonstram que além das dificuldades econômicas e estruturais, freqüentes nos serviços públicos, encontram-se, subjacentes aos maus tratos vividos pelas pacientes, aspectos sócio-culturais relacionados a uma prática discriminatória quanto a gênero, classe social e etnia. A hipótese deste trabalho é a de que a violência institucional em maternidades é, fundamentalmente, uma violência de gênero que, pautada por significados culturais estereotipados de desvalorização e submissão da mulher, a discrimina por sua condição de gênero e a toma como objeto das ações de outrem. Essa violência se expressa, de forma particular, no contexto da crise de confiança que a medicina tecnológica contemporânea engendra, com a fragilização dos vínculos e interações entre profissionais e paciente. O objetivo do estudo foi investigar como e porque a violência institucional acontece nas maternidades públicas no contexto brasileiro. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de corte qualitativo com 21 entrevistas semi-estruturadas com puérperas atendidas em maternidades públicas do município de São Paulo e 18 entrevistas com profissionais de saúde que atuam em diferentes maternidades, do mesmo município e adjacentes. A análise do material buscou relatos de violência institucional nos depoimentos e os valores e opiniões associados. Os dados revelaram que tanto as puérperas quanto os profissionais entrevistados reconhecem práticas discriminatórias e tratamento grosseiro no âmbito da assistência em maternidades públicas com tal frequência que se torna muitas vezes esperado pelas pacientes que sofram algum tipo de maltrato. Dificuldades estruturais, a formação pessoal e profissional, e a própria impunidade desses atos foram apontados como causas para a violência institucional. Os relatos também demonstraram uma banalização da violência institucional através de jargões de cunho moralista e discriminatório, usados como brincadeiras pelos profissionais; no uso de ameaças como forma de persuadir a paciente e na naturalização da dor do parto como preço a ser pago para se tornar mãe. Consideramos que a banalização da violência aponta para a banalização da injustiça e do sofrimento alheio como um fenômeno social que atinge a toda sociedade; para a fragilização dos vínculos de interação pessoal entre profissionais e pacientes e para a cristalização de estereótipos de classe e gênero que se refletem na assistência a essas pacientes, além de contribuir para a invisibilidade da violência como tema de reflexão e controle institucional.

Descritores: Violência contra mulheres, Maternidades, Poder (Psicologia), Medicina

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

